

Lina Pesce: A expansão e (in)visibilidade de uma compositora do século XX

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Música Popular

Beatriz Rodrigues Nascimento¹
Universidade Federal de Minas Gerais
beatriz.rnascimento@gmail.com

Resumo. Esta comunicação visa problematizar o lugar das mulheres compositoras do choro na primeira metade do século XX, a partir da investigação da vida e obra da pianista Lina Pesce, autora de mais de 200 composições. Foi realizado um levantamento de referências sobre esta musicista nos periódicos entre os anos 1920 a 1959 e identificados 55 jornais e revistas que citam a compositora no decorrer das quatro décadas relatadas, incluindo 429 referenciais mencionando seu nome. A partir desta investigação, foi feita uma análise de dados a fim de identificar reportagens exclusivas e notas dedicadas à pianista, em contraponto com as pequenas referências feitas a ela no decorrer do período. Como resultado, foi possível constatar que, dos 429 registros, apenas 1% tinha reportagens exclusivas, 15% com notas dedicadas a ela e 84% com anúncios provenientes de outros interpretes que gravaram sua obra ou procedentes de programações de rádios, quando sua música era tocada. Os resultados dialogam com as bibliografias de estudos de gênero a fim de compreender o papel da mulher na sociedade, sua história na música e seus possíveis apagamentos no decorrer dos anos.

Palavras-chave. Mulheres compositoras, Estudos de gênero, Mulheres no choro, Musicologia no feminino.

Lina Pesce: The expansion and (in)visibility of a 20th century composer

Abstract. This paper aims to analyze the place of women composers of *choro* in the first half of the twentieth century, from the research of the life and work of the pianist Lina Pesce, who wrote more than 200 compositions. A survey of references about this composer in the periodicals from 1920 to 1959 was made and 55 newspapers and magazines that mention the composer in the course of the four decades were identified, including 429 references mentioning her name. From this investigation, a data analysis was made in order to identify exclusive reports and notes dedicated to the pianist, in counterpoint with the small references made to her during the period. As a result, it was possible to observe that, of the 429 records, only 1% referred to her in exclusive reports, 15% had notes dedicated to her and 84% had advertisements from other interpreters who recorded her pieces or from radio programs, when her music was played. The results are in dialogue with the bibliographies of gender studies in order to understand the role of women in society, her history in music and her possible erasures over the years.

Keywords. Women composers, Gender studies, Women in *choro*, Feminist Musicology Studies.

¹ Bolsista CAPES

Notas Introdutórias

Desde 2020 venho dedicando minhas pesquisas aos estudos de gênero relacionados à música, sobretudo na presença da mulher no choro. Durante a graduação, destinei o Trabalho de Conclusão de Curso à presença (e ausência) feminina como instrumentistas na prática das rodas de choro. Neste processo, tive grande dificuldade de encontrar estudos acadêmicos dedicados às compositoras do choro do início do século XX, como por exemplo, Magdalena Pesce Vitale, compositora e pianista conhecida como Lina Pesce, nascida em São Paulo no ano de 1913. A carência em trabalhos dedicados à sua obra e bibliografia é referida na Enciclopédia Itaú Cultural², enfatizando a falta de cultivo de sua memória, documentação sobre sua vida, sobre sua estética e carreira.

No entanto, essa ausência de estudos e reconhecimentos sobre a obra e vida de Lina Pesce, musicista possuidora de um catálogo com mais de 200 obras gravadas por diversos artistas, distribuídas não só no Brasil como também em outros países como Argentina, França, Inglaterra e Itália (Murgel, 2011); despertou-me não só inquietações sobre o “desaparecimento” da compositora na história da música brasileira como também a necessidade de contribuição para torná-la visível, resgatar suas memórias tanto de forma acadêmica, através de pesquisas e publicações em periódicos, como também de forma artística, acrescentando suas composições no repertório em projetos de choro que participo como violonista. Deste modo, iniciei esta pesquisa a fim de aprofundar na trajetória artística de Lina Pesce, levando em consideração conceitos de gênero, raça e classe de pesquisadoras feministas como Joan Scott, Sueli Carneiro, Michelle Perrot, Gerda Lerner, dentre outras; para questionar seu apagamento e radicar sua presença como compositora de destaque na História do choro e da música brasileira do início do século XX.

A performance de pesquisa em periódicos, através da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDB–BN)³, baseou-se nos descritores referentes ao nome da compositora, como:

- “Lina + Pesce”
- “Lina + Pesco”
- “Magdalena + Pesce + Vitale”

² <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa633105/lina-pesce>

³ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Ao todo, foram selecionadas 429 referências à autora e compositora no período de quatro décadas (1920 a 1959), cujo recorte se restringe à delimitação da pesquisa e sem relação com marcos biográficos ou contextuais. Para o descritor “Lina + Pesce” foram encontradas 15 entradas na década de vinte; 97 para a década de trinta; 32 na década de quarenta e 285 na década de cinquenta. No descritor “Lina Pesco”, foram encontradas 03 referências na década de vinte; e 14, respectivamente, nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta – No entanto, estes mesmos registros foram encontrados também no descritor “Lina + Pesce”. Na busca feita pelo nome completo da compositora, pelo descritor “Magdalena + Pesce + Vitale” foi encontrado apenas uma referência na década de 1930 – também localizado na busca por “Lina + Pesce”, e nenhum nas outras décadas.

Esta comunicação é o resultado de uma pesquisa em andamento, visto que pretendo prosseguir e aprofundar nessas análises e buscas para posteriormente expandir este levantamento até a década de noventa ao longo da pesquisa do mestrado, marcada pelo falecimento da compositora (1995).

Caminhos Metodológicos

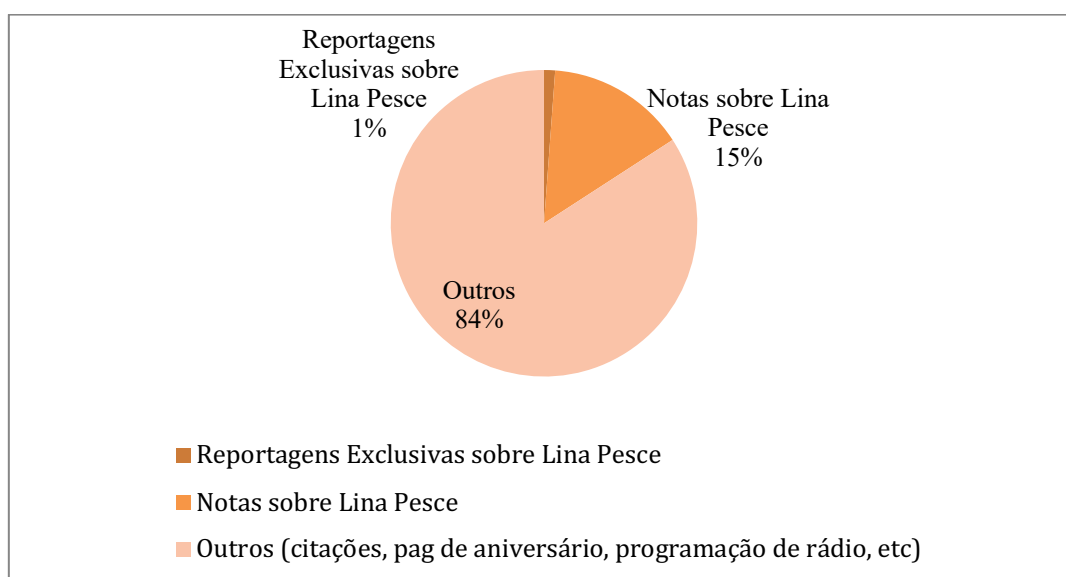
O lugar da hemerografia, no contexto das pesquisas musicológicas atuais (independente da respectiva abordagem disciplinar selecionada) é amplamente reconhecido na contribuição metodológica para se pensar a recepção da música a partir do olhar da imprensa e crítica musical. As digitalizações contribuem com “a recente oferta *on-line* de coleções de jornais e revistas pelas Bibliotecas Nacionais [que] facilitou e solidificou o uso de notícias como matéria-prima em pesquisas científicas” (GIORDANO, 2016, p. 20) utilizadas tanto como elemento principal ou para complemento de investigações. O destaque dado no trabalho de Rafaela Giordano sobre a importância dos acervos antigos, na acessibilidade informacional a documentos independente dos seu estado, condição ou reprodução corrobora com a preservação dos periódicos originais visto que os usuários podem recorrer ao material digitalizado e não ao material feito em papel, muitas vezes já em processo de degradação devido ao tempo (GIORDANO, 2016).

Essa ferramenta digital vem ampliando excepcionalmente a possibilidade de fazermos novas perguntas e respondê-las através dessa tecnologia (NASCIMENTO, Brasil, 2020). Nesse sentido, pude elaborar novas perguntas a partir do vasto material coletado sobre a

compositora Lina Pesce e evidenciar sua presença e relevância como compositora em diferentes regiões do país, de acordo com periódicos coletados em cada região. No entanto, apesar de ter recolhido 429 registros entre 1920 e 1959, pude observar que o nome da compositora na maioria das vezes era apontado em pequenas notas reduzidas comparadas às outras notícias, sendo poucas vezes referenciada como destaque e muitas vezes perdendo impacto na página do jornal.

No entanto, a ampla oferta de referências entre as décadas 1920 – 1959 que envolvem o nome de Lina Pesce, não me permite, no âmbito desta comunicação, chegar a análises descritiva e exaustiva. Deste modo, fiz uma margem de dados do que foi recolhido até aqui, separando em Reportagens (em que Lina Pesce ocupa lugar de matéria principal do jornal), Notas (matérias que dão destaque à Lina, mas não é a matéria principal) e Outros (definidos por pequenas citações à Lina, de outros artistas que gravaram a sua música, ou registro de viagens percorridas pela compositora – em colunas dedicadas ao traslado dos habitantes e visitantes das cidades, aniversários, programações de rádio, etc), representados no gráfico a seguir:

Gráfico 1



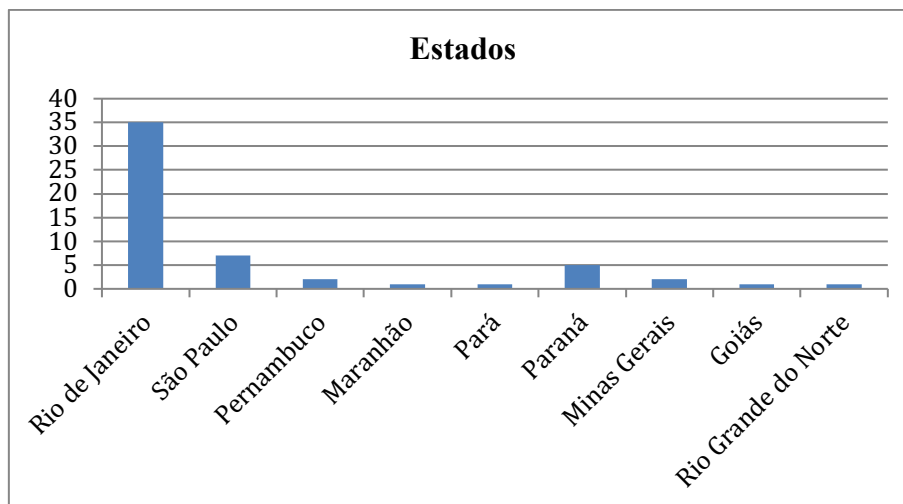
Fonte: Elaborado pela autora

Dos 429 registros encontrados em quatro décadas que citam o nome de Lina Pesce, 84% é destinado a pequenas citações referindo a compositora, 15% em Notas sobre ela e apenas 1% dos jornais possuem matérias exclusivas sobre a pianista.

A seguir, no gráfico 2, faço um levantamento sobre as regiões em que esses jornais foram publicados, tendo maior destaque no estado do Rio de Janeiro, com total de 35

periódicos diferentes; 7 em São Paulo; 2 em Pernambuco; 1 no Maranhão; 1 no Pará; 5 no Paraná; 2 em Minas Gerais; 1 em Goiás e 1 no Rio Grande do Norte:

Gráfico 2



Fonte: Elaborada pela Autora

O fato de Lina Pesce ter nascido em São Paulo, em 1913, e após seu casamento, em 1933, ter mudado residência para o Rio de Janeiro, pode justificar sua maior repercussão nesses estados.

A seguir, faço considerações gerais sobre esses resultados, utilizando exemplos pontuais de cada campo observado durante este processo, visando um diálogo com a bibliografia.

Gênero, a mulher na música e Lina Pesce

As simbólicas características que diferenciam os sexos tendem a se naturalizar nas aparências biológicas que determinam nosso entendimento sobre o que é “ser” homem e o que é “ser” mulher dentro da sociedade. Essas definições, entrelaçadas em aspectos culturais, por sua vez, também indicam posicionamentos hierárquicos de poder entre os gêneros feminino e masculino dentro de um contexto social. Todavia, Joan Scott (1995) nos convida a analisar e interpretar as palavras “sexo” e “gênero” a partir do seu uso gramatical, em que, segundo a autora, começam a ser utilizadas no sentido figurado através dos séculos para recordar os traços de caráter ou sexuais do indivíduo (Scott, 1995). “Gênero”, no entanto, passa a ser utilizado pelas feministas a fim de ponderar as relações e distinções sociais determinadas a partir do sexo. Entretanto, o objetivo da autora é “compreender a importância *dos sexos*, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico [...] [e] descobrir o leque de papéis e de



simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos” (SCOTT, 1995, p. 72) como um processo de investigação de como funcionam as transformações sociais a partir destas definições. Compreende-se a partir de Joan Scott qual é a importância do registro sobre mulheres dentro da história, no âmbito de atividades públicas e políticas.

Contar a história das mulheres é também, para Scott (1995), investigar uma nova história, incluindo análises de raça e classe. “O interesse pelas categorias de classe, raça e gênero assinala, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão” (SCOTT, 1995, p.73) abrangendo, nesses três eixos, as estruturas de desigualdades e hierarquias sociais.

Na América Latina e em especial no Brasil, as histórias das mulheres são manifestadas em torno dessas desigualdades sociais e subalternizações diante às consequências da colonização, e “o que poderia ser considerado como história ou reminiscência do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática” (CARNEIRO, 2019, pg. 313), diferenciando assim, a opressão sofrida pelas mulheres negras comparadas às mulheres brancas. “As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido” (CARNEIRO, 2019, pg. 313). Por este motivo, ao desempenhar as análises dos periódicos selecionados da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDB – BN) relacionados à Lina Pesce entre os anos 1920 – 1959, compreendo que, apesar de observar o “apagamento” histórico da compositora até os dias atuais, Lina fazia parte de uma classe privilegiada por ser uma mulher branca, de classe média, esposa do comendador Vicente Vitale, e, mesmo diante as dificuldades de inserção no mercado da música e não receber apoio da família para se tornar concertista - como a própria diz em uma reportagem prestada à *Carioca* (1936), a compositora fazia parte de uma realidade diferente de outras mulheres, principalmente as mulheres não-brancas, que sofriam (e sofrem) por outros tipos de apagamentos e violências que também merecem ser observadas no contexto desta pesquisa.

Estudei para me tornar concertista – diz Lina Pesce à *Carioca* – porém a minha própria família procurou dissuadir-me disso. Meu pai, o Maestro G. Pesce, conhecendo perfeitamente o ambiente artístico, não o desejava pra mim. Há três anos passados, casando-me, desisti por completo de tais idéias. (CARIOCA, 1936, *Vivendo Entre Harmonias: Lina Pesce, uma Compositora Feliz*, p. 42).



Gerda Lerner nos diz que “o primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento” (LERNER, 2019, p. 263), função constituída de acordo com a propriedade privada e relacionada inteiramente com suas capacidades e serviços reprodutivos e sexuais. De acordo com a autora, o casamento foi uma forma de controle dos corpos femininos e as mulheres não só eram prejudicadas física e moralmente como também psicologicamente. Lina, de acordo com a *Carioca* (1936) em seu próprio título, era “*uma compositora feliz*”, e, segundo a musicista - que em seguida completa sua fala afirmando seu contínuo desempenho como compositora, diz: “É muito difícil a um artista não se expandir a qualquer maneira” (CARIOCA, 1936, p. 42).

Lina Pesce se “expandiu” aos quatorze anos, segundo o jornal *Diário Nacional: A Democracia em Marcha* em 1928, em que a compositora já havia publicado “diversas músicas de sucesso, dentre elas: ‘Vingança de Cupido’, ‘Quantas Vezes’ e ‘Esqueça-me’, todos tangos brasileiros e mais os tangos argentinos ‘Fatalidade’ e ‘Miente’”. (DIÁRIO NACIONAL, 1928, p. 07). Não obstante, em 1954, a compositora se destacava em título “*Trocou a Ópera pelo Chorinho: A Maestrina Ocupa nada Menos que o 3º Lugar entre os Brasileiros no ‘Hit Parade Musical’*” em matéria do Elias Nasser (O CRUZEIRO, 1954, p. 36-37). E posteriormente ganhava o “*Troféu da Música de 1958*”, onde é referido:

Na Academia Brasileira de Música Popular, lado a lado com Ari Barroso, Ataulfo Alves, David Nasser, Lupiscínio, Herivelto Martins, Caymmi, João de Barro, Humberto Teixeira e outros quarenta e nove, um nome de mulher constitui a única exceção feminina: Lina Pesce. (O CRUZEIRO, Revista, 1959, p. 110)

Michelle Perrot (2007), ao conjecturar sobre a história da mulher nas artes, corrobora que a mulher (branca) começou a se destacar como atriz, cantora e dançarina no século XIX (Perrot, 2007). Ainda assim, foram poucas as que conseguiram conferir a este ofício. De acordo com a autora, muito se falava sobre as incapacidades da mulher como um todo. Incapazes de criar, capazes apenas de reproduzir. “Escrever, pensar, pintar, esculpir, compor música... nada disso existe para essas imitadoras.” - ironiza (PERROT, 2007, p.97). Em Perrot (2007), aquela que se atrevia a se envolver em qualquer coisa relacionada à arte, era incompreendida socialmente, como a própria autora aborda em um testemunho “sobre o cotidiano e os sofrimentos de uma jovem mulher que aspirava ser uma verdadeira artista e se debatia contra a incompreensão de sua família, que só pensava em casá-la [...]” (PERROT, 2007, p.102). Na música, as coisas não foram diferentes. A pesquisadora relata outros testemunhos de mulheres que possuíam total capacidade para o virtuosismo e foram-lhe

negadas ao estudo para que se tornassem esposas, mães e mulheres do lar. Perrot (2007) também exemplifica o caso de uma família com dois filhos, um homem e uma mulher, da qual o pai destina a filha à música como uma atividade dedicada ao prazer nos tempos livres, e ao filho, como uma profissão.

Lina Pesce é retratada algumas vezes, em periódicos diferentes, como única mulher a ocupar a cadeira da Academia Brasileira de Música Popular, abordado em nota: “A Academia Brasileira de Música Popular conta com uma mulher, a compositora e pianista Lina Pesce” (CORREIO DA MANHÃ, 18 jan. 1959, p. 05) e em uma reportagem exclusiva a este tema sob o título “*A Cadeira nº22 da Academia Brasileira de Música Popular*” do jornal *Diário de Notícias* (1959), uma das poucas reportagens, escrita por Mariza Lira, que aborda e questiona o fato da Academia Brasileira de Música Popular separar apenas uma cadeira (de nº 22) para ser ocupada por uma mulher compositora – primeiro por Chiquinha Gonzaga, e em seguida por Lina Pesce. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01 fev. 1959, p. 05). No *O Jornal* (1959) foi publicado, por Ary Vasconcelos, uma lista, sob o título “*Academia Brasileira de Música Popular: Lista Definitiva dos Fundadores e Patronos*”, da qual aparece Chiquinha Gonzaga e Lina Pesce ocupando o mesmo número - 22, em meio aos nomes masculinos citados que ocupam os 49 lugares. (O JORNAL, 29 jan 1959, p. 02).

Outras questões me chamaram a atenção na forma em como Lina Pesce era definida pela imprensa. Na maioria das vezes, seu nome é acompanhado por “filha do Maestro G. Pesce”, principalmente quando referido às datas anteriores ao casamento da compositora, ou “esposa de Vicente Vitale”, quando posteriores ao casamento. Tal fato corrobora com a perspectiva de Scott (1995), que afirma: “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86), logo podemos compreender que Lina, sendo uma mulher, ocupava uma posição inferior, quando pensada hierarquicamente dentro dos papéis de gênero na sociedade, precisando, em grande parte, ser relacionada à figura do homem para ser acentuada socialmente. Como podemos observar em nota, “diziam que a Copacabana só apresentava dona Lina Pesce porque dona Lina Pesce é esposa do comendador Vitale” (RADIOLÂNDIA, 1958, p. 51). Ou ainda, “Lina é esposa do editor Vicente Vitale, cuida do lar, não atua em rádio.” (CORREIO DA MANHÃ, 26 fev. 1958, p. 06). Mesmo que em seguida as notas referiam-se a Lina como exímia compositora e pianista, era preciso ser afirmado o quanto Lina era recatada, como sinônimo de “boa moça”. Entretanto, Perrot (2007) define, “a mulher se confunde com seu sexo e se reduz a ele, que marca sua função na família e seu lugar na sociedade” (PERROT, 2007, p. 64).

Por tanto, cito o jornal *O Mundo Ilustrado* (1958) em que Lúcio Rugel conclui:

A compositora Lina Pesce é esposa do poderoso editor musical Vicente Vitale. A nosso ver, essa circunstância, longe de favorecer, tem impedido o grande público de tomar um conhecimento mais direto com a obra da compositora. Por outro lado, sente-se certa reserva dos comentaristas de discos sempre que se referem à Lina Pesce, talvez receio de que, elogiando a artista, possam ser acusados de estar elogiando a sra. Vitale. Nada mais injusto para uma artista de méritos tão marcantes. (O MUNDO ILUSTRADO, 1958, p, 46)

Considerações Finais

Sigo nesta pesquisa, com olhos e ouvidos abertos na esperança de não apenas responder ao motivo do “apagamento” da história sobre a grandiosidade de Lina Pesce dentro da nossa música brasileira, mas, principalmente, rememorar sua “expansão”, que, apesar de silenciada por motivos que talvez eu nunca responda - a não ser aos que nos submetem à sociedade patriarcal – Lina Pesce merece ser redescoberta e expandida na história do choro e da música brasileira. Confesso que, ao iniciar as buscas pela Hemeroteca Nacional da Biblioteca Nacional, fiquei extasiada ao encontrar 429 anúncios em 55 periódicos espalhados por 09 estados brasileiros retratando, quase que em unanimidade, a grandiosidade de Lina Pesce entre as décadas de vinte e cinquenta - por mais que em muitas vezes fossem pequenos registros, em três a cinco linhas redigidas. Isso me fez questionar ainda mais sua (in)visibilidade nos dias atuais dentro das rodas tradicionais, do meio artístico, na academia, na história do choro.

A pesquisa aqui apresentada será ampliada e aprofundada na minha dissertação de mestrado, que contará com outras análises de periódicos em mais quatro décadas dentro de uma perspectiva de estudos de gênero. Espera-se que este trabalho possa ajudar a ilustrar as questões levantadas nesta Comunicação, assim como outras, que surgirão no seguimento desta pesquisa, visando colaborar para a transformação e na valorização das mulheres nas narrativas históricas brasileiras.

Referências

CARIOCA, *Vivendo entre harmonias: Lina Pesce, uma compositora feliz*. Jornal, Rio de Janeiro-RJ, 1936. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ed: 00041(1), p.42. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830259&pesq=%22Magdalena%20Pesce%20Vitale%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=2510>. Acesso em 25 de junho de 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 313-321.

CORREIO da Manhã, Jornal, Rio de Janeiro-RJ, 18 jan 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ed: 201989(1), p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=%22Lina%20Pesce%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=101487. Acesso em 25 de junho de 2022.

GIORDANO, Rafaela Boeira. “*Do Jornal à Ciência: A Hemeroteca Digital Brasileira Como Fonte de Informação Para a Pesquisa Científica*”. Rio de Janeiro, RJ. 239 f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 20 de junho de 2016. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/883>. Acesso em 28 de junho de 2022.

JORNAL DIÁRIO NACIONAL: A democracia em Marcha. *Uma compositora de quatorze anos*. 1 nov. 1928. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ed: 00408(1). p.7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&pesq=%22Lina%20Pesce%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=4103>. Acesso em: 26 jun de 2022

LERNER, Gerda, 1920 – 2013. SELLERA, Luiza (trad.). *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LINA Pesce. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa633105/lina-pesce>. Acesso em: 28 de junho de 2022. Verbete da Enciclopédia.

LIRA, Mariza. Diário de Notícias. Jornal. *A Cadeira nº22 da Academia Brasileira de Música Popular*. 1 fev 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ed: 11110(1). p. 05. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&Pesq=%22Lina%20Pesce%22&pagfis=79907. Acesso em 25 de junho de 2022.

- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. *"A canção no feminino"*. ANPUH. Anais do XXVI Simpósio da Associação Nacional de História. São Paulo: Associação Nacional de História, julho de 2011. Disponível em:
http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300859244_ARQUIVO_Murgel,AnaCarolinaAT-ACancaonoFeminino.pdf. Acesso em 28 de junho de 2022.
- NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; BRASIL, Eric. *"História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica"*. Rio de Janeiro-RJ, Brasil.v.33, n°69, p. 196-2019, 2020.
- NASSER, Elias. O Cruzeiro: Revista. *Trocou a Ópera pelo chorinho: A Maestrina Ocupa nada Menos que o 3º Lugar entre os Brasileiros no 'Hit Parade Musica*. Rio de Janeiro-RJ 1954. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ed: 0019(2). p. 36-37. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22Lina%20Pesce%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=90495>. Acesso em 25 de junho de 2022.
- PERROT, Michelle. CORREA, M.S Angela (trad.). *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RUGEL, Lúcio. O Mundo Ilustrado: Jornal. *Música Popular: Uma dupla*. Rio de Janeiro-RJ. 1958. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ed: 00034(1). p. 46. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=119601&pesq=%22Lina%20Pesce%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=1376> . Acesso em 26 de junho de 2022.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, jul-dez. 1995.
- VASCONCELOS, Ary. O Jornal. *Academia Brasileira de Música Popular: Lista Definitiva dos Fundadores e Patronos*. Rio de Janeiro-RJ. 29 jan 1959. Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional, ed: 11782(1). p.2. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&Pesq=%22Lina%20Pesce%22&pagfis=71574 . Acesso em 24 de junho de 2022.